

DESAFIOS PARA UM ENSINO CONTEXTUALIZADO E CRÍTICO DO INGLÊS COMO A LÍNGUA DO MUNDO

CHALLENGES FOR A CONTEXTUALIZED AND CRITICAL TEACHING OF ENGLISH AS THE WORLD LANGUAGE

Sigrid Rochele Gusmão Paranhos Magalhães¹

Resumo

Este estudo tem como propósito discutir sobre alguns desafios enfrentados no ensino da língua inglesa na contemporaneidade. Para tanto, buscou-se refletir a expansão do inglês desde os seus primórdios até os dias de hoje. Em seguida, foram analisadas, de forma breve, as implicações dessa língua global. Desse modo, pode-se perceber que, no atual contexto de globalização, a língua inglesa é a mais falada do planeta e, por conta disso, ela se desterritorializa e passa ser a língua de todos, assumindo um papel sem precedentes na história. O referencial teórico incluiu autores como Pennycook (2007), Moita Lopes (1996, 2008), Jenkins (2006), Graddol (2006), Crystal (2003, 2005), Schütz (2013), Blommaert (2010), Ostler (2010), entre outros.

Palavras-chaves: Expansão da Língua Inglesa. Ensino de Língua Inglesa. Inglês como Língua Franca.

Abstract

This study aims to discuss some challenges faced by the English language teaching in contemporary times. For this purpose, we reflected the spread of English since its beginnings to the present day. Then, we briefly analyzed the implications of this global language. In this way, it can be noticed that, in the current context of globalization, English is the most spoken language on the planet and because of that, it becomes deterritorialized and turn out to be the language of everybody, playing an unprecedented role in history. The theoretical framework included authors such as Pennycook (2007), Moita Lopes (1996, 2008), Jenkins (2006), Graddol (2006), Crystal (2003, 2005), Schütz (2013), Blommaert (2010), Ostler (2010), among others.

Keywords: Spread of the English Language. English Language Teaching. English as a Lingua Franca.

¹ Doutoranda e Mestre em Língua e Cultura pela Universidade Federal da Bahia (UFBA. Contato: sigrid.rochele@gmail.com

Introdução

Refletir sobre o ensino de inglês, principalmente, em escolas públicas, a fim de sinalizar proposições não é tarefa simples, aliás, é uma missão bastante delicada, pois vivemos numa sociedade na qual as desigualdades são alarmantes, a educação quase sempre beira o sofrível, e, nem todos têm acesso ao ensino de qualidade, muito menos da língua inglesa. Nesse sentido, Moita Lopes (2008, p. 39) enfatiza que deve haver uma preocupação constante em se pensar o ensino de inglês em termos da realidade brasileira, uma vez que é imprescindível de amplos estudos sobre como se processam o ensino e a aprendizagem de línguas estrangeiras nas realidades locais que estão cada vez mais complexas. Nessa concepção, percebo a importância de trazer à tona a expansão geográfica da língua inglesa como língua mundial e suas implicações políticas, culturais, ideológicas e, claro, pedagógicas.

Tal explanação torna-se pertinente porque objetiva situar os acontecimentos históricos, políticos e sociais relacionados a esse idioma, a partir de sua gênese até à posição em que hoje se encontra, indubitavelmente, de grande visibilidade, de destaque, de poder, de prestígio e, para muitos, de triunfo.

Jenkins (2006, p. 2) relata que, em meados do século XVI, a língua inglesa era falada apenas por um pequeno grupo de falantes nativos das Ilhas Britânicas. Agora, o inglês é utilizado em quase todos os países do mundo, sendo que a maioria dos seus usuários não têm o inglês como língua materna². Interessante observar que essa proporção alcançada pelo inglês, na qual detém uma posição privilegiada, jamais foi imaginada pelos seus primeiros nativos, quando ainda era largamente difundida a língua latina na Europa Ocidental devido a expansão do Império Romano. Como ilustração, transcrevo a fala de Richard Mulcaster (1528 apud CRYSTAL, 2005, p. 45), um dos grandes defensores do inglês: “Nossa língua inglesa é de pequeno alcance, não se estende além da nossa ilha – não, nem sobre toda ela [...]. Nosso Estado não é nenhum império que irá crescer e dominar outros países”.

²[...] *the English language was spoken in the mid-sixteenth century only by a relatively small group of mother-tongue speakers born and bred within the shores of the British Isles, it is now spoken in almost every country of the world, with its majority speakers being those for whom it is not a first language.*

Indo contra essa previsão de séculos passados, a língua inglesa se impôs permeada por relações de poder construídas ao longo da história, tornando-se o idioma da contemporaneidade, devido a alguns fatores decisivos. Só para ilustrar, cito a ascensão da Inglaterra como grande império; posteriormente, os Estados Unidos como grande potência mundial; e, por fim, o fenômeno atual de globalização e as suas implicações, visto que o inglês se faz presente de forma contundente em praticamente todas as áreas de conhecimento, nas ciências da informação e comunicação entre os povos desse espaço planetário. Assim sendo, é preciso reconhecer que essa língua não tem como propósito a simples comunicação com os falantes nativos, mas, essencialmente, a comunicação com o mundo.

A expansão mundial do inglês: da origem até os dias de hoje

Não é mais preciso discutir que o mundo, nesse cenário de globalização, tornou-se menor e cada vez mais interconectado. Nessa nova conjuntura a língua inglesa é eleita como a língua de comunicação, de contato, de acesso, transformando-se num idioma sem fronteiras e de grande notoriedade. Tal como afirma Lacoste (2005, p. 8), é “[...] a língua de ascensão, de prestígio ou língua moda, fenômeno que se passa também em todos os países que não são oficialmente anglófonos”.

É oportuno lembrar que a língua inglesa tem suas origens relacionadas aos celtas, aos romanos, aos franceses, às diferentes tribos nórdicas, dentre outras. Dessa maneira, o inglês como uma língua mista, hibridizada, passa por períodos históricos distintos, sendo as seguintes fases mais destacados por historiadores e linguistas: o inglês arcaico (*Old English*), o inglês médio (*Middle English*) e o inglês moderno (*Modern English*).

À luz da realidade atual, de grande expansão e mobilidade mundial, agora, segundo Graddol (2006), eleva-se à condição de inglês global. Contudo, para um melhor entendimento desse avanço, farei um breve relato dessa expansão. Todavia, Graddol (2006) nos alerta que a tradicional história do inglês, descrita na sequência e comumente exposta nos livros didáticos, foi em grande parte criada no século XIX. Daí refletir os valores de uma visão daquele século.

Ademais, segundo esse autor, muitos arqueólogos e historiadores buscam uma reavaliação dessa história, que nos é apresentada como uma grande narrativa. A

trajetória da língua inglesa revela-se como um grande mito sobre a sua origem, uma vez que é exposta como um conto popular que emerge de origens humildes até conseguir alcançar a sua glória. Nesse percurso, a língua francesa foi considerada como uma grande adversária da língua inglesa, mas que afinal, com o decorrer dos acontecimentos, houve o triunfo do inglês. Não obstante, Crystal (2005, p. 33) questiona: “O inglês vai continuar na sua posição atual, ou é provável que seu status global seja desafiado por outra língua?”

De acordo com Burgess (1996), Cevalco (1985), Schütz (2013), entre outros estudiosos, a história tradicional da Inglaterra se iniciou com os povos celtas. Ainda hoje seus descendentes podem ser encontrados, principalmente no país de Gales, Irlanda, Cornualha e nas *highlands* escocesas. Os celtas não utilizavam a escrita, por isso não deixaram registradas as suas histórias. As leis, as lendas e os ensinamentos tribais se perpetuaram devido a poetas e sacerdotes que se encarregavam de memorizá-los e de transmiti-los oralmente. No ano 43, os celtas foram conquistados pelas legiões romanas e a ilha se tornou parte do Império Romano por aproximadamente 400 anos.

Vale mencionar que os países que faziam parte dessa ilha, subjugados pelo Império Romano durante os anos de 43 a 409, eram a Inglaterra, a Escócia e o País de Gales. Os romanos chamaram a ilha de Britannia, que em latim significava “a ilha dos bretões”. Depois de algum tempo, o nome Britannia se alterou para Britain (Britânia), e, finalmente, Grã-Bretanha. Da mesma forma, o termo *britons* (bretões) se referia aos celtas que foram escravizados pelos romanos. Eles os denominaram dessa forma, pelo costume desse povo guerreiro em pintar os seus corpos. *Briton* significava povo pintado.³

Cabe assinalar que os romanos já percebiam que a língua era um forte recurso para se dominar uma cultura ou um povo. Nesse intuito, eles mantiveram o seu idioma na nova terra ocupada. Como resultado, ainda hoje encontramos várias palavras de origem latina que sobreviveram no inglês moderno. Só para exemplificar, muitas cidades inglesas que têm a terminação *chester*, *caster* e *cester* (Winchester, Lancaster, Leicester, dentre

³ A diversidade dos termos Grã-Bretanha, Bretanha, Reino Unido e Ilhas Britânicas pode gerar algum tipo de dúvidas. Diante disso, faz-se importante esclarecê-los: Grã-Bretanha é a ilha onde ficam atualmente os três países, Inglaterra, País de Gales e Escócia; Bretanha deriva da grande ilha onde ficava a Inglaterra, mas atualmente é uma região na França. No século VI essa região foi invadida pelos Celtas, daí a origem desse nome; Reino Unido é um Estado formado por quatro países, Inglaterra, País de Gales, Escócia e Irlanda do Norte; Ilhas Britânicas é um arquipélago formado por cerca de 5 (cinco) mil ilhas. As duas maiores são a Grã-Bretanha e a ilha da Irlanda, onde ficam dois países, Irlanda do Norte (que é membro do Reino Unido) e a República da Irlanda, chamada também de Eire (um Estado independente). Ainda fazem parte desse arquipélago algumas ilhas menores como, Órcades, Shetland, Hébridas, Man e Ilhas do Canal (SILVA, 2005).

outras) originam-se da palavra latina *castra* (campo). Além disso, curiosamente, Rajagopalan (2009, p. 91) relata que “durante o período da ocupação da Inglaterra pelos romanos, era comum referir-se à língua inglesa como *the vulgar tongue*, isto é, ‘a língua vulgar’ (em oposição ao latim, a língua de prestígio e de ascensão social da época)”.

Então, a partir do ano 430, os povos germânicos, alcunhados por bárbaros⁴ pelos romanos, após sucessivas investidas, decidiram se estabelecer definitivamente nas áreas mais produtivas da ilha, o que ocasionou o massacre de várias vilas, como, também, a opressão de muitos habitantes que lá viviam. Nesse ínterim, as legiões romanas se retiraram da Britânia, já que Roma, capital do império romano, estava sendo também saqueada por essas tribos, deixando os bretões à mercê dos violentos ataques germânicos. Esses povos que invadiram a Britânia foram os anglos, os saxões e os jutos, que falavam diferentes dialetos germânicos originando, inegavelmente, o inglês. Desse momento em diante, como mencionado anteriormente, a história da língua inglesa é dividida em três principais períodos: o inglês arcaico, o inglês médio e o inglês moderno.

Assim sendo, a primeira metade do século I, período em que ocorreram as incursões germânicas, marcou categoricamente o início do inglês arcaico. Esses invasores formaram sete reinos que constituíram a heptarquia juto-anglo-saxônica. A língua falada por esses povos germânicos era uma mistura de vários dialetos.

Enfim, logo após essas invasões, os jutos ficaram no Sul e fundaram o reino de Kent. Os saxões também se fixaram no Sul, dando origem aos reinos de Essex, Wessex e Sussex. Os anglos, por sua vez, se estabeleceram no Centro e Nordeste da ilha, formando os reinos de East-Anglia, Nortumbria e Mercia. Dentre esses reinos, três eram principais: Nortumbria, Mercia e Wessex. Outrossim, Nortumbria atingiu sua glória, sendo centro cultural de toda a Britânia, devido aos seus ricos mosteiros que continham uma infinidade de livros manuscritos, encadernados com ouro e ornados com pedras preciosas.

⁴ Os povos denominados de bárbaros pelos romanos eram de origem germânica e habitavam a Europa Ocidental. Os romanos os designavam assim porque eles viviam além das fronteiras do seu império e não falavam o latim. No século V, esses povos em busca de terras férteis, de clima mais ameno e de riquezas, investiram contra o Império Romano, causando sua queda no ano 476. Eles se subdividiam em vários povos. Os principais eram: Anglos, Saxões e Jutos que invadiram a Inglaterra; Francos, invadiram a França; Visigodos, instalaram-se na região da Gália, Itália e Península Ibérica; Ostrogodos, invadiram a região da atual Itália, dentre outros (SILVA, 2005).

Algum tempo depois, no ano de 597, a Igreja Católica, através do Papa Gregório, mandou missionários liderados por Santo Agostinho para converter os anglo-saxões ao cristianismo. Essa missão religiosa transcorreu pacificamente ao longo de alguns anos, deixando definitivamente as marcas do latim sobre os dialetos anglo-saxões. Dessa forma, Schütz (2013), em seu artigo sobre a História da Língua Inglesa,⁵ esclarece que novos vocabulários foram incorporados na língua inglesa para designar sentimentos, pensamentos, emoções:

Esses dialetos do inglês arcaico, antes do cristianismo, eram línguas funcionais para descrever fatos concretos e atender a necessidades de comunicação diária. O vocabulário de origem greco-latina introduzido pela cristianização expandiu a linguagem anglo-saxônica na direção de conceitos abstratos (SCHÜTZ, 2013, p. 1).

Até meados do século IX, toda a poesia da Inglaterra era registrada no dialeto de Nortumbria. Os escribas, em seus mosteiros, desempenhavam um precioso serviço, pois transcreviam as canções e histórias dos anglo-saxões. Como naquela época nada era estável, o século IX testemunhou o fim de Nortumbria como centro cultural da terra dos anglos (Inglaterra). Foi nesse período que os povos vikings vindos da Escandinávia (atual Suécia, Dinamarca e Noruega) invadiram a Inglaterra e saquearam a Nortumbria. Os mosteiros foram pilhados e os livros preciosos foram rasgados em pedaços por causa dos seus ricos ornamentos. Os monges, por sua vez, fugiram ou foram massacrados. Então, o reino de Wessex, o reino de Alfredo, o Grande, tornou-se o centro cultural da Inglaterra. Alfredo foi um dos reis que mais se utilizou do poder da igreja naquele contexto. Ele utilizou de seu conhecimento clerical para estabelecer um sistema de leis, educar o povo e registrar importantes documentos, que serviram para formar uma das mais valiosas fontes de informações sobre o período. Nesse sentido, a história mais conhecida anglo-saxã foi contada em um poema épico chamado *Beowulf*, nome dado a um guerreiro herói. Esse poema, de autoria desconhecida, composto de 3.182 versos, teve sua primeira versão escrita por volta do ano 1000. Já no século XVIII, essa narrativa foi transliterada para uma forma mais inteligível. De acordo com Burgess (1996, p. 25),

⁵ Informações disponíveis em <http://www.sk.com.br/sk-enhis.html>. Acesso em janeiro/2015.

[...] boa parte da força e da violência de *Beowulf* deriva da própria natureza do inglês arcaico. Era uma língua rica em consoantes, aficionada à aglomeração de consoantes, de maneira que a boca parecia executar um rápido ato de violência. As palavras do inglês moderno que se seguem podem ser encontradas no inglês arcaico e são típicas dessa língua, na qual as consoantes musculares estrangulam as vogais: *strength, breath, quell, drench, crash*.

Vale salientar que o inglês arcaico, às vezes denominado Anglo-Saxão, comparado ao inglês moderno, era uma língua quase irreconhecível, tanto na pronúncia, quanto no vocabulário e na gramática. A correlação entre pronúncia e ortografia, entretanto, era muito mais próxima do que no inglês moderno. No âmbito gramatical, as diferenças eram consideráveis. De modo similar ao latim, os substantivos, os pronomes e os adjetivos possuíam um conjunto de terminações ou desinências nominais para as categorias de gênero, número e caso⁶ e, por sua vez, os verbos também possuíam um conjunto de terminações ou desinências verbais para as categorias modo-temporais⁷.

Assim, seguindo os passos da história, as invasões dos vikings nas terras inglesas eram constantes. Inegavelmente, os ataques dos vikings, durante os séculos VIII e IX, enfraqueceram as comunidades dos anglo-saxões. Mas, de forma inesperada, alguns deles se estabeleceram na Inglaterra. Eles eram provenientes da Dinamarca e, conseqüentemente, falavam o seu idioma nativo. Porém, com mais de 200 anos de presença de dinamarqueses naquela região, era natural supor que a língua do invasor

⁶ Exemplo do Substantivo *stān* – pedra (vide as terminações conforme as categorias de caso):

Caso	Singular	Plural
Nominativo	(se) <i>stān</i>	(pá) <i>stānas</i>
Acusativo	(pone) <i>stān</i>	(pá) <i>stānas</i>
Genitivo	(pæs) <i>stānes</i>	(pára) <i>stāna</i>
Dativo	(pæm) <i>stāne</i>	(pæm) <i>stānum</i>

Fonte: <http://www.sk.com.br/sk-enhis.html>. Acesso em agosto/2015

⁷ Exemplo do verbo *steal* – roubar (vide as desinências verbais):

Conjugação	Pronome	Verbo	Conjugação	Pronome	Verbo
Infinitivos		<i>Stelan</i>	Presente do Subjuntivo	<i>ic/pū/hē/hit/hēo</i>	<i>Stele</i>
		<i>tō stelanne</i>		<i>wē/3ē/hie</i>	<i>Stelen</i>
Presente do Indicativo	<i>ic</i>	<i>Stele</i>	Passado do Subjuntivo	<i>ic/pū/hē/hit/hēo</i>	<i>Stæle</i>
	<i>pū</i>	<i>Stilst</i>		<i>wē/3ē/hie</i>	<i>Stælen</i>
	<i>hē/hit/hēo</i>	<i>Stilð</i>	Imperativo	Singular	<i>Stel</i>
	<i>wē/3ē/hie</i>	<i>Stelap</i>		Plural	<i>Stelap</i>
Pretérito do Indicativo	<i>ic</i>	<i>Stæl</i>	Particípio Presente (gerúndio)		<i>Stelende</i>
	<i>pū</i>	<i>Stæle</i>			
	<i>hē/hit/hēo</i>	<i>Stæl</i>	Particípio passado		<i>Stolen</i>
	<i>wē/3ē/hie</i>	<i>Stælon</i>			

Fonte: <http://www.sk.com.br/sk-enhis.html>. Acesso em agosto/2015

exercesse influência importante sobre o inglês arcaico. Todavia, devido à semelhança entre as duas línguas, ficou difícil determinar essa influência com precisão.

Por fim, devido aos vários ataques sofridos, os anglo-saxões tornaram-se um alvo fácil para novos domínios. Com efeito, os normandos, vindos do norte da França, em 1066, invadiram a Bretanha e destruíram a sociedade dos anglo-saxões, finalizando, desse modo, o período arcaico.

A ocupação normanda, durante a Batalha de Hastings⁸, deu início ao que chamamos de inglês médio. Esse povo militar invadiu a ilha e impôs a sua cultura e a sua língua. Ao conquistarem essa região, eles instituíram as suas leis, o seu sistema de governo e até mesmo o seu idioma francês na nova terra conquistada.

À sombra dessa perspectiva histórica, na visão de Graddol (2006, p. 58), essa narrativa veiculada por muitos cronistas e estudiosos procurou passar uma impressão de que toda a integridade linguística e cultural do inglês arcaico foi destruída após a conquista normanda. Porém, não há como negar que, após essa incursão, a Inglaterra significativamente se transformou. A nobreza francesa tomou o lugar da inglesa e fez do dialeto francês a língua da corte, embora o latim ainda permanecesse como a língua do clero. Os anglo-saxões foram reduzidos a uma posição de servidão, tendo a sua cultura desprezada e a sua língua praticamente rejeitada. Aos poucos, o inglês arcaico de acentos rígidos se misturou com um idioma mais suave vindo das terras do norte da França.

Não obstante, anos depois da conquista dos normandos, a Inglaterra continuava dividida em duas sociedades distintas, cada qual falando a sua própria língua. A maioria dos servos e homens livres que não possuíam títulos era da etnia anglo-saxã e eles continuavam a falar seu idioma germânico. Os nobres e cavaleiros normandos, por sua vez, falavam um dialeto francês. Por outro lado, o latim que era a língua internacional da Igreja, tornou-se a língua oficial da Inglaterra e era usado nas escolas, resultando uma grande diversidade linguística.

É conveniente ressaltar que os normandos, vivendo na Inglaterra, estavam, de alguma sorte, bastante afastados da cultura francesa. E o tipo de francês que usavam tinha perdido sua flexibilidade, “algo que sempre acontece com uma língua quando ela é

⁸ Batalha decisiva na história da Inglaterra que ocorreu cerca de 11km a noroeste de Hastings, perto da atual cidade de Battle, no leste de Sussex, entre o exército franco-normando, liderado pelo Duque Guilherme II, da Normandia e o exército inglês, sob o comando do rei anglo-saxão, Haroldo II. O resultado foi a vitória dos normandos.

exportada para um país estrangeiro e não tem a oportunidade de se renovar através de contatos frequentes com a mãe-pátria” (BURGESS, 1996, p. 33). No entanto, essa situação foi se alterando com o passar do tempo. A língua inglesa, com as devidas influências, passou a ser utilizada efetivamente pelo povo da Inglaterra, e, por conseguinte, acabou sendo oficializada pelos seus governantes.

Com o desenrolar dos acontecimentos, em 1485, o nobre poderoso Henrique Tudor derrotou o Rei Ricardo III no campo da Batalha de Bosworth⁹, finalizando, assim, uma longa disputa civil entre duas famílias de nobres. Reconhecida a vitória, Henrique foi declarado o novo rei da Inglaterra, sendo-lhe determinando o título Henrique VII. Ele estabeleceu a poderosa e famosa dinastia dos Tudors, uma monarquia absolutista que regeu a Inglaterra durante 100 anos e testemunhou o florescimento desse país no poder político e como centro cultural. Esse período foi marcado, até os dias de hoje, pelo inglês moderno.

Dez anos antes da Batalha no Campo de Bosworth, em 1475, William Caxton tinha inventado a máquina de imprensa na Inglaterra. Dali em diante, os livros já não precisariam ser laboriosamente escritos à mão, mas poderiam ser reproduzidos em grande número em um pequeno espaço de tempo. A invenção da imprensa mudou radicalmente a cultura britânica, como também transformou a cultura do mundo inteiro. Com maior número de livros disponíveis, mais pessoas poderiam aprender a ler e a escrever, havendo, desse modo, mais pessoas letradas. O poder de tradição oral tornou-se menor na literatura popular e em assuntos religiosos. Logo, a Igreja seria dividida por um movimento que ficou conhecido como a Reforma¹⁰, conduzida por homens que insistiram em que as pessoas poderiam ler a Bíblia e, inclusive, poderiam interpretar a palavra de Deus sem a ajuda de um sacerdote.

Na esteira desses avanços, as lendas de Arthur e Robin Hood foram substituídas por um novo tipo de literatura baseado em uma nova concepção da natureza do homem. Sir Thomas Morus escreveu a *Utopia*, onde exaltou uma sociedade igualitária, criticando o

⁹ A Batalha de Bosworth foi a última batalha civil entre a Casa dos Lancaster e a Casa dos York (conhecida como a Guerra das Rosas), que se estendeu por toda a Inglaterra no final da segunda metade do século XV. A batalha foi vencida pelos Lancaster. Dessa forma, Henrique, Conde de Richmond, tornou-se o primeiro monarca inglês da Dinastia dos Tudors, assinalando, portanto, o fim da Dinastia Plantageneta.

¹⁰ Movimento reformista cristão, no início do século XVI, liderado por Martinho Lutero. Ele pregou na porta da Igreja do Castelo de Wittenberg (situada na Alemanha) suas 95 teses, protestando contra diversos pontos da doutrina da Igreja Católica Romana, propondo dessa forma, uma reforma da própria Igreja.

recente modelo capitalista. Sir Francis Bacon, outro nome importante, desenvolveu seu método da experimentação – *novum organum*. Essa obra foi de grande relevância para o conhecimento científico e filosófico. A produção humanista na literatura e no teatro foi fecunda e William Shakespeare foi o representante máximo da criação artística no teatro, consolidando, enfim, a trajetória de sucesso da língua inglesa. Esse período na Inglaterra ficou sendo conhecido como a “época de ouro”, não só nas manifestações artísticas, mas no desenvolvimento econômico e político, transformando o país numa das principais potências europeias. Le Breton (2005, p. 13) avalia que “[...] a língua inglesa é fixada pelos grandes escritores do período elisabetano, língua na qual os empréstimos ao latim, diretamente ou por meio do francês são consideráveis”. Do mesmo modo, o autor ainda esclarece que “depois de 1815, a França [deixou] de representar qualquer tipo de ameaça para a Inglaterra, que está a caminho de se transformar em uma potência mundial” (LE BRETON, 2005, p. 13).

Parafraseando Graddol (2006, p. 58), a língua inglesa, a partir daquele momento, conseguiu superar a língua francesa, sua vilã histórica e reemergiu como uma língua nacional¹¹. Contudo, nesse pormenor, Crystal (2005, p. 38) faz uma importante ressalva: “[...] embora seja historicamente uma língua germânica, o grosso do vocabulário não o é – sua origem é em grande parte clássica e românica, com empréstimos especialmente importantes do grego, do latim e do francês”.¹² Schütz (2013) enriquece essa discussão afirmando que, muitos vocábulos franceses foram inseridos na língua inglesa para fins administrativos, políticos e sociais, uma vez que não existiam outras palavras equivalentes de origem germânica, passando, dessa maneira, a coexistir com as

¹¹ *The language now overcomes its historic villain and re-emerges as a national language.*

¹² Vocabulário francês incorporado à língua inglesa:

Anglo-Saxão	Francês	Anglo-Saxão	Francês	Anglo-Saxão	Francês	Anglo-Saxão	Francês
answer	respond	end	finish	hide	conceal	ox	beef
ask	question	fair	beautiful	holy	sacred	sheep	mutton
begin	commence	feed	nourish	house	mansion	shut	close
bill	beak	folk	people	hunt	chase	sight	vision
chicken	poultry	freedom	liberty	kin	relations	swine	pork
child	infant	ghost	phantom	kingly	royal	wedding	marriage
clothe	dress	happiness	felicity	leave	depart	wish	desire
come	arrive	heaven	paradise	look	search	work	labor
doom	judgement	help	aid	mistake	error	yearly	annua

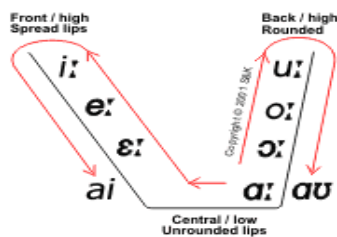
Fonte: <http://www.sk.com.br/sk-enhis.html>. Acesso em agosto/2015

equivalentes em francês, inicialmente sinônimas, mas que gradativamente tomaram conotações diferentes.

Além do mais, é relevante salientar que a evolução do inglês médio para o moderno foi assinalada por uma acentuada mudança fonética das vogais, ocorrida entre os séculos XV e XVI. Essa transformação foi denominada de *Great Vowel Shift*¹³, pelo linguista dinamarquês Otto Jespersen¹⁴, que consistiu em alterar a articulação das vogais em relação às posições dos lábios e da língua. De modo geral, os sons das vogais, até mesmo os ditongos, sofreram alterações e algumas consoantes deixaram de ser pronunciadas¹⁵.

Outro ponto que merece destaque é que, apesar de os ingleses serem considerados bastante conservadores, eles reconhecidamente eram também aventureiros e grandes viajantes, enfim, era “uma nação de grandes marinheiros” (BURGESS, 1996, p. 19). Em virtude disso, o século XVII foi assinalado pela “primeira diáspora do inglês” (JENKINS, 2006, p. 5) para a América do Norte, Austrália e Nova Zelândia, originando novas variedades da língua inglesa. O convívio dos ingleses entre escravos e povos indígenas favoreceu o desenvolvimento dos *pidgins*, uma língua de contato que servia de comunicação entre eles, sendo resultado da simplificação e mistura do inglês, a língua do colonizador, com as demais línguas faladas nesses territórios colonizados.

¹³ Great Vowel Shift



Fonte: <http://www.sk.com.br/sk-enhis.html>. Acesso em agosto/2015

¹⁴ Jens Otto Harry Jespersen (1860-1943) foi um linguista dinamarquês que se especializou na gramática da língua inglesa.

¹⁵ PRONÚNCIA ANTES DO SÉCULO 15	PRONÚNCIA MODERNA
fine /fi:ne/	/fayn/
hus /hu:s/	house /haws/
ded /de:d/, semelhante a dedo em português	deed /diyd/
fame /fa:me/, semelhante à atual pronúncia de father	/feym/
so /só:/, semelhante à atual pronúncia de saw	/sow/
to /to:/, semelhante à atual pronúncia de toe	/tuw/

Fonte: <http://www.sk.com.br/sk-enhis.html>. Acesso em agosto/2015

Não obstante, o século XVIII foi marcado pelo prescritivismo na Inglaterra. O trabalho mais relevante dessa época foi a publicação, em 1755, do *Dictionary of the English Language*. Nessa ocasião também houve um significativo acontecimento: a Primeira Revolução Industrial¹⁶. Com efeito, tal acontecimento motivou o êxodo da zona rural. Grande parte da população foi para as cidades em busca de empregos. As variações linguísticas tornaram-se evidentes. Nesse clima de industrialização, era inevitável a reivindicação por escolarização. Logo, o *Standard English* foi imposto, em busca de padronização e unificação da língua.

Além disso, no final daquele século, a colônia inglesa, na América do Norte, tornou-se independente da Inglaterra. Esse acontecimento provocou um grande fluxo de europeus para esse novo país, aumentando consideravelmente a sua população. Os novos “ingleses” do outro lado do continente, naquele momento, livres, independentes, reivindicaram um padrão linguístico americano, já que aquele “inglês” não era mais idêntico ao falado pelos britânicos, uma vez que, com o decorrer do tempo, tinha sido acrescido de novos vocábulos, e, inclusive, havia algumas alterações na pronúncia e, mais tarde, até na sintaxe. Com o sentimento de plena liberdade, os norte-americanos clamavam por uma identidade nacional norte-americana: “Uma nação, uma língua, uma cultura” (RAJAGOPALAN, 2009).

Outro fator muito significativo no final do século XVIII e início do século XIX foi a “segunda diáspora do inglês” (JENKINS, 2006, p. 7). Devido à colonização da África e da Ásia, o inglês foi expandido para esses continentes, abrindo caminho para o surgimento dos chamados “Novos Ingleses” (*New Englishes*) (KACHRU, 1985 apud CRYSTAL, 2003, p. 60). Dessa forma, Siqueira (2008, p. 54) relata que:

[...] a partir desse período, o inglês se consolidou não apenas como língua do império colonialista a ser imposta às comunidades nativas de todos os locais, mas em especial como um idioma de grande importância internacional, principalmente nas áreas da ciência e da tecnologia.

Para essas novas variedades do inglês, Jenkins (2006) distinguiu dois subtipos: os *New Englishes* e os *new Englishes*, isso mesmo, um com “n” maiúsculo e outro com “n” minúsculo. Os *new Englishes* se referem às variedades da língua inglesa nos países da

¹⁶ A Primeira Revolução Industrial ocorreu na Inglaterra, no final do século XVIII início do século XIX. Essa revolução ficou caracterizada por duas importantes invenções: a máquina a vapor e a locomotiva. Um dos primeiros ramos industriais a usufruir da nova tecnologia da máquina a vapor foi a produção têxtil, que antes da revolução era desenvolvida de forma artesanal.

primeira diáspora, tais como Estados Unidos, Austrália, Nova Zelândia, em que foi observada uma forte influência nos contextos sociolinguísticos, como, por exemplo, no vocabulário, que logo se expandiu através do contato com povos nativos que lá viviam. Posteriormente, novas influências surgiram através do contato com povos escravizados trazidos da África que eram comercializados para as novas terras, desenvolvendo-se, então, os *pidgins*, como argumentado anteriormente. Por outro lado, os *New Englishes*, os quais, segundo Kachru (1985), se referem às variedades da língua nos países envolvidos na segunda diáspora: Índia, Filipinas, Cingapura, Serra Leoa, Nigéria, Camarões, isto é, aqueles países que fizeram parte do Império Britânico antes da descolonização. Nesse caso, é possível verificar as variedades do inglês como segunda língua, em ambientes multilíngues. Já a norma-padrão britânica e as variedades que resultaram das duas diásporas são diferenciadas tanto nos aspectos gramaticais como no vocabulário e na pronúncia.

Também na África se desenvolveram diversos *pidgins*, que depois se transformaram em línguas crioulas¹⁷ de base inglesa. Muitos dos *pidgins* nascidos do contato com o inglês são até hoje falados, como segunda língua, em países como Serra Leoa, Uganda, Quênia, Camarões, entre outros.

Enfim, dando continuidade aos fatos históricos, no século XX, apareceram as grandes multinacionais, as redes de computadores interligados pelo mundo afora, comunicações por satélites, entre tantas outras tecnologias, que ficou sendo conhecida como a era da globalização, que se impôs contraditoriamente, nem sempre com resultados animadores. Com base em Ortiz (2006, p. 13), “um processo não é nunca homogêneo, tampouco harmônico, nele se inserem instituições e interesses em conflitos. Isso significa que a globalização é produzida e reproduzida segundo linhas de forças distintas”. E a língua inglesa aparece nesse novo cenário numa posição mais consolidada e mais preponderante, pois se configura como a língua de comunicação entre os povos nessa aldeia global.

Ainda para Le Breton (2005, p. 13), o inglês se sobressaiu em relação às demais línguas europeias porque:

¹⁷ Uma língua crioula pode ser definida como um *pidgin* que se tornou a primeira língua de uma nova geração de falantes. Portanto, é uma língua 'normal' em quase todos os sentidos (WARDHAUGH, 2006 apud JENKINS, 2006, p. 11).

[...] é uma língua compósita, que reúne contribuições celtas, latinas, francesas, germânicas, para falar exclusivamente das principais [...] A língua inglesa, que era uma língua nacional nos séculos XVI e XVII, tornou-se a língua imperial nos séculos XVIII e XIX e, por fim, língua mundial durante a segunda metade do século XIX.

De acordo com o esclarecimento do citado autor, a língua inglesa conseguiu exercer diferentes posições, ou seja, de língua nacional para língua imperial e, finalmente, uma língua mundial. Porém, conforme Rajagopalan (2005, p. 140), essa expansão do inglês é “um problema de natureza eminentemente política e pede uma abordagem igualmente política”. Não obstante, esse autor postula que:

O avanço da língua inglesa não ocorreu simplesmente porque o mundo globalizado precisava de uma língua qualquer para facilitar a comunicação de ideias entre os mais diferentes povos do planeta. A língua inglesa está na situação em que se encontra hoje porque os países anglófonos, notadamente os Estados Unidos, passaram a gozar do poder hegemônico no mundo pós Segunda Grande Guerra (RAJAGOPALAN, 2005, p. 146).

Dessa maneira, depois da Segunda Guerra Mundial, a influência política e cultural dos Estados Unidos se propagou. Principalmente, como já é sabido, pelo fato de o país se encontrar totalmente industrializado. Assim sendo, por não ter sido palco de guerras (embora tenha se envolvido em muitas) o território norte-americano não sofreu nenhum tipo de abalo, seja tecnológico, educacional ou estrutural. Por consequência, o país foi capaz de fornecer a uma Europa destruída recursos industriais e tecnológicos, visando o comando econômico capitalista. Nesse sentido, não se pode deixar de citar o plano Marshall¹⁸, que trouxe um enriquecimento inigualável para essa nação, pois através dessa estratégia, sua hegemonia mundial pôde se solidificar e exercer um certo grau de influência sobre vários países europeus, disseminando, assim, seu padrão ideológico capitalista.

Ademais, quando finalmente terminou esse grande conflito internacional, Ortiz (2006) ressalta que nos Estados Unidos houve:

¹⁸ O Plano Marshall, também conhecido como Programa de Recuperação Europeia, foi o principal plano dos Estados Unidos para a reconstrução e auxílio aos países aliados europeus que estavam destruídos após a Segunda Guerra Mundial. A iniciativa recebeu o nome do Secretário do Estado dos Estados Unidos, George Marshall.

[...] um florescimento científico sem precedentes, aliados a uma política tecnológica na qual as criações científicas estão vinculadas às descobertas e ao aperfeiçoamento das técnicas. A história do computador é um bom exemplo do imbricamento de diversas dimensões – econômica, militar e científica – num mesmo projeto (ORTIZ, 2006, p. 29).

Nesse sentido, por trás de toda essa expansão “desenfreada” do inglês, está um forte poder econômico, político e ideológico dos países anglófonos, sobretudo dos Estados Unidos, que impuseram sua língua e cultura através da música, do cinema, dos meios tecnológicos e de comunicação.

No bojo dessa discussão, Lacoste (2005) relata que a influência política e cultural dos Estados Unidos se propagou imensamente a partir da difusão do inglês. Esse autor reforça essa constatação afirmando que:

São sobretudo americanas as ciências informáticas, que foram subvencionadas por vultosas encomendas militares, e elas estão na origem na internet. Para seguir esse movimento e dele participar, é preciso falar em inglês. Tanto na área da administração como na do jornalismo, os filhos de famílias abastadas querem completar seus estudos superiores fazendo um estágio em alguma universidade americana (LACOSTE, 2005, p. 10).

Por seu turno, Crystal (2005, p. 23) esclarece que “uma língua se torna mundial por uma razão apenas: o poder das pessoas que a falam”. Esse poder pode ser evidenciado por questões políticas (militares), tecnológicas, econômicas e culturais. Cada uma dessas questões influenciou o crescimento do inglês em épocas distintas. Assim, o poder político eclodiu devido ao colonialismo, uma vez que difundiu a língua em várias regiões; por sua vez, o poder tecnológico surgiu com a Revolução Industrial dos séculos XVIII e XIX. As pessoas que viajavam para a Grã-Bretanha e, mais tarde, para os Estados Unidos, buscando aprender as novas tecnologias, tinham que saber o inglês; já o poder econômico foi tido pelo crescimento financeiro dos Estados Unidos que suplantou rapidamente o da Grã-Bretanha, principalmente após a II Guerra Mundial, E, igualmente, o poder cultural que se refletiu em quase todos os campos, como no cinema, na música, no turismo, nos meios de comunicação, entre outros, fortalecendo, sobretudo, o poder e a expansão da língua inglesa nesse espaço planetário.

Finda essa explanação mais ampla, passo, agora, para uma breve reflexão sobre o ensino da língua inglesa e suas implicações em um mundo globalizado.

O ensino da língua inglesa e suas implicações

Como se vê, a partir da discussão acima, muitos acontecimentos foram responsáveis para o incrível avanço do inglês pelo mundo, tais como os fatores políticos, econômicos, tecnológicos e culturais. O inglês é a língua franca global dos tempos atuais, apesar de se saber que “uma língua franca é uma língua de convivência” (OSTLER, 2010, p. xv), e quando essa convivência cessa, a língua é abandonada sem qualquer cerimônia ou traço de emoção. Entretanto, em qualquer circunstância, é sempre importante lembrar que [uma língua] precisa ser entendida como uma prática social, que, dialogicamente, constitui o sujeito e promove suas relações com o outro (BAKHTIN, 2010).

Em vista disso, é construtivo afirmar que uma aprendizagem efetiva de línguas só pode ocorrer através de um processo interativo, dinâmico, vivo, que trate das experiências sociais de cada indivíduo. Principalmente porque, como aponta Blommaert (2010, p. 1), vivemos hoje num mundo de “redes, fluxos e movimentos transcontextuais”.

O ensino de inglês neste cenário de complexidades, portanto, traz muitos desafios para os professores, visto que o domínio dessa língua pode abrir diversas portas para mundos e culturas cada vez mais interessantes e outrora muito distantes, mas também pode se tornar, para aqueles à margem do atual processo de globalização, um forte instrumento de exclusão e de opressão, caso esteja disponível apenas para aquelas classes privilegiadas que o adquirem, não raramente, a peso de ouro.

Além do mais, ao ensinar uma língua estrangeira, como o inglês, deve-se ter o cuidado de não impor aos educandos aceções e valores das chamadas culturas hegemônicas de língua inglesa, tais como a britânica ou norte-americana, como de costume, já que a língua inglesa é hoje concebida como uma língua internacional ou língua franca global.

Sob esse prisma, vale lembrar que de acordo com Ortiz (2006, p. 33), “[...] nenhuma língua é franca, ela apenas desempenha, em determinados domínios, a função de ser franca”. Dessa forma, é importante esclarecer, resumidamente, que o termo “língua franca” é uma expressão latina usada para designar a língua de contato ou a língua de relação entre grupos linguisticamente distintos com propósitos internacionais.

Atualmente, a rápida difusão da língua inglesa no mundo a tem elevado ao patamar de uma língua franca global. Nesse sentido, Crystal (2005, p. 20) elucida que uma língua não obtém um status genuinamente global até desempenhar um papel importante que seja reconhecido em todos os países. Para tanto, essa língua deve ser usada por várias nações do mundo, ou como meio de comunicação em áreas de governo, tribunais, mídia e sistema educacional; ou, então, se tornar a principal língua estrangeira a ser ensinada nas escolas de uma determinada sociedade. Sendo assim, o inglês alcançou essa posição, pois agrega falantes como primeira língua, segunda língua e língua estrangeira. De igual modo, é possível dizer que nenhuma outra língua tem essa característica semelhante ao inglês. Ainda Crystal (2003, p. 10) postula que qualquer língua, no centro dessa explosão de atividades internacionais, repentinamente teria sido elevada a um status global¹⁹.

Por outro lado, conforme Seidlhofer (2001, p. 146), língua franca, no sentido estrito da palavra, é um sistema linguístico adicional que serve como meio de comunicação entre os falantes de diferentes línguas maternas, ou uma língua através da qual os membros de diferentes comunidades de fala podem se comunicar entre si, mas que não é a língua nativa de nenhum deles, ou seja, uma língua que não possui falantes nativos²⁰. Porém, segundo Gimenez e Bordini (2014, p. 14), em 2005, Seidlhofer já admitia que as interações em inglês como língua franca, pudessem incluir a presença de falantes nativos da língua inglesa, refazendo a sua definição, afirmando que o inglês como língua franca (ILF), pode ser considerado como “[...] qualquer uso do inglês entre falantes de diferentes línguas maternas, para os quais o inglês é o meio comunicativo de escolha, e frequentemente a única opção” (SEIDLHOFER, 2011, p. 7 apud GIMENEZ e BORDINI, 2014, p. 14).

Nessa direção, é passível de compreensão que uma língua franca pode ser falada por não nativos e/ou nativos, para fins de comunicação, de interação, e, ainda, com propósitos comerciais e educacionais. Como o inglês atingiu uma rápida propagação como língua franca global, poderá ser evidenciada a sua heterogeneidade, que possui

¹⁹ Any language at the centre of such an explosion of international activity would suddenly have found itself with a global status.

²⁰ [...] the strict sense of the word an additionally acquired language system that serves as a means of communication between speakers of different first languages, or a language by means of which the members of different speech communities can communicate with each other but which is not the native language of either - a language which has no native speakers.

diversificadas normas e variedades por estar espalhada pelo mundo. Consequentemente, tais variedades não serão baseadas nos padrões dos falantes nativos da língua inglesa.

Por isso, não cabe mais aos professores de língua inglesa uma “atitude colonizada” (MOITA LOPES, 2006). Isto é, deve-se evitar, sobretudo, uma subjugação cultural e linguística, através da desvalorização da língua e cultura maternas do aluno, pois estas são imprescindíveis para a formação de cidadãos mais críticos e integrados num mundo globalizado.

Entretanto, já é patente que uma língua é um instrumento de comunicação e poder, e, conforme Bourdieu (1977 apud KUMARAVADIVELU, 2008, p. 141), “a linguagem pode ser usada como instrumento de comunicação e de controle, de coerção e de restrição, assim como de condescendência e de desprezo, [visto que] as variedades de sotaque, entonação e vocabulário refletem diferentes posições de poder e de hierarquia social”. Por isso, faz-se necessário repensar a prática docente, que, em muitas vezes, tem uma “atitude exageradamente positiva de quase adoração pela cultura de língua inglesa” (MOITA LOPES, 2008, p. 37) e desenvolve “uma prática de ensino que tem mais a ver com acomodação de que com acesso ao poder” (PENNYCOOK, 2007, p. 28).

Nessa mesma linha de pensamento, como em qualquer situação de aprendizagem de uma língua, Graddol (2006, p. 82) lembra que não há um único modo de ensinar inglês, um único modo de aprendê-lo, um único livro didático, nem uma única maneira de se avaliar a proficiência, e, na verdade, não há uma única variedade de inglês que promova a aprendizagem desse idioma²¹.

Ancorados nessa compreensão, torna-se necessária e urgente uma reavaliação do inglês ensinado nas escolas brasileiras, principalmente por se tratar do contexto globalizado em que vivemos, que requer mudanças de hábitos, quebra de barreiras, atenção à velocidade de informações, entre outros tantos fatores. Falar, ler e entender o inglês global, como língua franca, portanto, torna-se fundamental dentro do nosso contexto. Além disso, é válido sublinhar que devem ser consideradas e respeitadas as marcas das identidades e variedades linguísticas do falante, hoje cada vez mais intercultural, em prol de uma significativa articulação com o mundo.

²¹ *There is no single way of teaching English, no single way for learning it, no single motive for doing so, no single syllabus or textbook, no single way of assessing proficiency and, indeed, no single variety of English which provides the target of learning.*

Conclusão

Isso posto, é possível verificar a necessidade de se ter uma percepção mais ampla quanto ao ensino de inglês como língua franca global, de poder apropriar desse idioma, de forma consciente e politizada, e, por fim, não se ter a ideia ultrapassada de que o inglês “correto” é o falado somente por norte-americanos ou por britânicos, mas, compreender que, sendo uma língua falada por mais falantes não nativos, torna-se, portanto, uma língua cada vez mais híbrida, mista, salutarmente misturada, sem custódia, sem dono.

Por conta disso, vale refletir um posicionamento de Canagarajah (1999 apud RAJAGOPALAN, 2005, p. 149), quando ele diz que tudo começa pela atitude que se assume diante do inglês:

Tal atitude não precisa ser de subserviência ou de rejeição dos próprios valores por parte de quem aprende e passa utilizar a língua para fins específicos. O passo importante a ser dado nessa mudança de atitude consiste em conscientizar-se da ideologia que se esconde por trás da expansão da língua inglesa tal como ela se tem dado até recentemente.

Indubitavelmente, o inglês assume um papel sem precedentes na era da globalização. Dessa forma, o ensino dessa língua exige uma postura diferenciada daquela assumida anteriormente pelos professores desse idioma. A sua heterogeneidade, marcada por diferenças linguísticas, culturais e identitárias, requer uma democratização do acesso às suas variedades, tendo em vista o alargamento dos horizontes dos nossos alunos.

É válido reafirmar que o inglês se expandiu pelo mundo afora por questões de poder, seja político, tecnológico, econômico ou militar, em épocas distintas, como já expus anteriormente. Entretanto, não é possível assegurar que o inglês continuará predominando em escala mundial como língua global. Basta olhar para trás e ver a semelhança que ocorreu outrora com a língua latina em termos de difusão. Essa língua fragmentou-se em muitos dialetos, proliferando em diversas outras línguas. Porém, a globalização é a garantia para a manutenção do poder e da expansão da língua inglesa. É

através desse fenômeno que se solidifica e perpetua a expansão do inglês neste mundo, agora, supostamente plano e compacto.

Por fim, acredito que o ensino de inglês deve propiciar aos seus usuários a utilização dessa língua como um meio de comunicação entre os diferentes grupos sociais. De tal sorte, deve ser um ensino essencialmente pautado numa pedagogia mais crítica, reflexiva, dialógica, no intuito de viabilizar uma sociedade mais justa, em que haja, entre tantas outras coisas benéficas, o reconhecimento do outro e o respeito aos princípios da igualdade e da diferença.

Logo, a educação linguística como um todo, do trabalho do formador ao docente, avançará nos seus estudos e na sua prática em outras bases, aquelas que, como bem argumenta Mia Couto (2007, p. 21), “a única maneira de sermos puros é sermos híbridos, [e] só seremos felizes se abraçarmos identidades plurais capazes de reinventarem e se misturarem em imprevisíveis simbioses e combinações”. Se, de fato, encararmos a pedagogia de língua inglesa sob a perspectiva de uma língua franca global, suas implicações e suas consequências, as combinações que daí poderão advir serão extremamente vantajosas para nós e para o mundo. Sem exceções e, principalmente, sem privilégios. Este é um caminho complexo e desafiador que todos nós, educadores, teremos que trilhar!

REFERÊNCIAS:

BAKHTIN, M. *Marxismo e Filosofia da Linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 14. ed. São Paulo: Hucitec Editora, 2010.

BLOMMAERT, J. *The sociolinguistics of globalization*. New York, USA: Cambridge University Press, 2010.

BURGESS, A. *A Literatura Inglesa*. Tradução de Duda Machado. 2. ed. São Paulo: Editora Ática, 1996.

CEVASCO, M. E; SIQUEIRA, V. L. *Rumos da Literatura Inglesa*. São Paulo: Ática, 1985.

COUTO, M. Três fantasmas mudos para um orador luso-afônico. In: VALENTE, A. (Org.) *Língua portuguesa e identidade: marcas culturais*. Rio de Janeiro: Editora Caetés, 2007.

CRYSTAL, D. *English as a Global Language*. 2. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

Revista Cenas Educacionais, Caetité – Bahia - Brasil, v. 1, n. 1, p. 185-206, jan./jun. 2018.

CRYSTAL, D. *A Revolução da Linguagem*. Tradução de Ricardo Quintana. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

GIMENEZ, T.; BORDINI, M. *Estudos sobre Inglês como Língua Franca no Brasil (2005 – 2012): uma metassíntese qualitativa*. *Signum: Estud. Ling.*, Londrina, n. 17, v. 1, jun., 2014, p. 10-43.

GRADDOL, D. *English Next: why global English may mean the end of English as a foreign language*. The British Council. London: The English Company, 2006.

JENKINS, J. *Current Perspective on Teaching World Englishes and English as a Lingua Franca*. *Tesol Quarterly*, v. 40, n. 1, mar., 2006. p. 157-181.

KACHRU, B. B. Standards, codification and sociolinguistic realism: the English language in the outer circle. In: QUIRK, R.; WIDDOWSON, H. *English in the world: teaching and learning and literatures*. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 1985, p.11-30.

KUMARAVADIVELU, B. A. Linguística Aplicada na era da globalização. In: MOITA LOPES, L. P. da. (Org.). *Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008. p. 129-148.

LACOSTE, Y. Por uma abordagem geopolítica da difusão do inglês. In: RAJAGOPALAN, K.; LACOSTE, Y. (Org.). *A Geopolítica do Inglês*. São Paulo: Parábola Editorial, 2005. p. 7-11.

LE BRETON, J-M. Reflexões anglófilas sobre a geopolítica do inglês. In: LACOSTE, Y; RAJAGOPALAN, K. (Org.). *A Geopolítica do Inglês*. São Paulo: Parábola Editorial, 2005. p. 12-26.

MOITA LOPES, L. P. da. *Oficina de Linguística Aplicada: a natureza social e educacional dos processos de aprendizagem de ensino/aprendizagem de línguas*. 6. reimpr. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2006.

MOITA LOPES, L. P. da. (Org.). *Por uma linguística indisciplinar*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

ORTIZ, R. *Mundialização: saberes e crenças*. São Paulo: Brasiliense, 2006.

OSTLER, N. *The last lingua franca: English until the return of Babel*. New York: Walker & Company, 2010.

PENNYCOOK, A. A Linguística Aplicada nos anos 90: em defesa de uma abordagem crítica. In: SIGNORINI, I.; CAVALCANTI, M. C. (Org.). *Linguística Aplicada e Transdisciplinaridade: questões e perspectivas*. 2. reimpr. São Paulo: Mercado de Letras, 2007. p. 21-46.

RAJAGOPALAN, K; LACOSTE, Y. (Org.). *A Geopolítica do Inglês*. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

RAJAGOPALAN, K. *Por uma linguística crítica: linguagem, identidade e a questão ética*. 3. reimpr. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

SCHÜTZ, R. *História da Língua Inglesa*. English Made in Brazil, 2013. Disponível em: <<http://www.sk.com.br/sk-enhis.html>> Acesso em: jan/2015.

SEIDLHOFER, B. *Closing a conceptual gap: the case for a description of English as a Lingua Franca*. International Journal of Applied Linguistics, v. 11, n. 2, 2001.p. 133-158.

SILVA, A. M. da. *Literatura Inglesa para Brasileiros*. Curso completo de literatura e cultura inglesa para estudantes brasileiros. Rio de Janeiro: Editora Ciência Moderna, 2005.

SIQUEIRA, D. S. P. *Inglês como língua internacional: por uma pedagogia intercultural crítica*. 2008. 359f. Tese de Doutorado (Língua e Cultura) - Universidade Federal da Bahia – UFBA, Salvador, BA.

Recebido em: 16 de maio de 2018
Aprovado em: 08 de junho de 2018

SOBRE A AUTORA

Sigríd Rochele Gusmão Paranhos Magalhães é uma pesquisadora brasileira vinculada à Rede Brasileira de Estudos sobre Inglês como Língua Franca da Universidade Estadual de Londrina (UEL) e ao Grupo de Pesquisa leitura, Cultura e Formação Docente da Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Ela possui experiência em educação, com ênfase em Literatura da Língua Inglesa, atuando principalmente nos seguintes temas: ensino de língua inglesa e gestão educacional.